



CASAS, COVAS E RUAS

AS RAÍZES
MEDIÉVAIS
DE ALMADA

MUSEU
DE ALMADA

COVAS DE PÃO

O núcleo urbano de Almada tem oitocentos anos. Sob as atuais ruas e casas existe uma Almada quase desconhecida que a arqueologia tem vindo a revelar.

A partir da evolução da malha urbana percorre-se a história da vila desde a sua origem medieval, junto ao castelo, acompanhando a sua lenta transformação ao longo do tempo. Essa vivência quase milenar está expressa nos artefactos que, geração após geração, marcam o quotidiano dos seus habitantes.

Herança dessa ocupação antiga, as chamadas «covas de pão» ou «silos» existem por toda a vila medieval.

Escavadas no solo, são a forma mais segura de armazenar cereais, garantindo a subsistência da população. É do interior destas covas, transformadas em lixeiras depois de abandonadas, que se recuperam os mais antigos vestígios de ocupação de Almada.

As covas de pão detetadas pelos trabalhos arqueológicos são apenas parte do que existirá ainda oculto ou que foi destruído. O seu número excede em muito o necessário para aprovisionamento local da população e permite-nos especular sobre a importância da produção de cereais no território, com uma povoação fortemente marcada por estas estruturas, hoje «invisíveis».

ENTRE O AL-ANDALUS E O REINO CRISTÃO

SÉCULOS X-XII

Entre 711 e 1147 o território de Almada está sob domínio de dinastias islâmicas, que controlam praticamente toda a Península Ibérica e o Norte de África. O castelo de Almada é construído nessa época e administra um território essencialmente rural, em que a agricultura e a pesca de subsistência são relevantes. É junto desta fortificação que surge o mais antigo núcleo populacional de Almada.

Desde o século X, geógrafos árabes referem a importância da mineração de ouro nas areias do Tejo, expresso no topónimo Al-ma' adan (mina ou jazida), que dá origem a Almada.

Em meados do século XII toda a região do vale do Tejo sofre com a instabilidade da fronteira entre a expansão cristã, a norte, e o poder do Al-Andalus, a sul. Durante a conquista de Lisboa em 1147, Almada passa para a administração de Afonso Henriques, que nos anos seguintes procura reorganizar o território e fixar população, concedendo privilégios à comunidade muçulmana que aqui permanece.

As covas de pão são dos poucos vestígios do século XII descobertos até ao momento em Almada, algumas das quais construídas e utilizadas neste período, na periferia do núcleo urbano.

Apesar dos fortes conflitos entre árabes e cristãos neste período, em 1194 Almada é definitivamente integrada no reino de Portugal. A consolidação deste novo domínio no início do século XIII permite o aumento populacional e uma lenta mas contínua expansão da vila a partir do seu núcleo mais antigo.



SÉCULOS X-XII

A VILA EM EXPANSÃO

SÉCULOS XIII-XIV

A vila cresce em direção ao atual edifício dos Paços do Concelho e Largo da Boca do Vento, adaptando-se à topografia do terreno. Novas habitações são erguidas sobre as covas de pão, muitas entretanto abandonadas e usadas como lixeira.

Ao mesmo tempo surgem pequenos aglomerados populacionais, isolados do núcleo principal. Um deles, conhecido como «Oliveira», remonta pelo menos ao final do século XIII e é incorporado na malha urbana já no século XIV, quando o crescimento da vila se estende para a zona da atual Casa da Cerca. As casas desta época são, na sua maioria, térreas e de pequena dimensão.

À medida que a vila cresce para poente, o castelo perde a sua importância. O centro económico e social é agora o atual Largo 1.º de Maio – o adro da Igreja de Santiago, ponto de encontro da população e centro da Almada medieval, para onde convergem comerciantes, tabeliães e artesãos.

Nas suas imediações, surge a Praça Velha, onde se fixa o Paço do Concelho, concentrando neste local as funções políticas, administrativas e judiciais. Mais tarde é aqui colocado o pelourinho da vila, símbolo da administração pública da justiça.

A pesca e a agricultura, com relevo para a produção de vinho, são as principais atividades económicas. O comércio ganha um dinamismo crescente, beneficiando da situação de paz duradoura.



SÉCULOS XIII-XIV

A VILA EM EXPANSÃO

SÉCULOS XV-XVI

No século XV o crescimento da malha urbana prossegue para poente na proximidade dos arruamentos principais, seguindo dois eixos: as atuais Rua Serpa Pinto e a Rua Capitão Leitão (antiga Rua Direita), atingindo o Largo Conde Ferreira, onde se situa a Ermida do Espírito Santo. A vivência urbana complexifica-se e surgem equipamentos como o Hospital e Albergaria de Santa Maria, edificada junto à atual Igreja da Misericórdia. É referida uma casa do escrivão das sisas na Praça Velha, onde são cobrados os impostos.

À medida que a vila se estende, a Praça Velha torna-se cada vez mais periférica, e surge a Praça Nova, na zona dos atuais Paços do Concelho, que se transforma no novo centro urbano. A vila beneficia da prosperidade económica do comércio à escala europeia e além-mar, comprovada pela quantidade de objetos de origem estrangeira recolhidos nas escavações arqueológicas.

Ao longo do século XVI Almada mantém a prosperidade, chegando a acolher, temporariamente, a Casa dos Tratos da Guiné e Índia. Este crescimento justifica-se com a proximidade a Lisboa e com o movimento do estuário do Tejo, um dos grandes centros do comércio internacional à época.

Em 1531, Almada sofre os efeitos do grande sismo que, calcula-se, destrói também um terço das habitações de Lisboa.



SÉCULOS XV-XVI

A VILA CONSOLIDADA

SÉCULOS XVII-XVIII

A delimitação da vila, fixada no século XVI, mantém-se com poucas alterações até ao século XIX. Neste período, o aumento populacional reflete-se no crescimento de povoações na periferia da vila, como na Cova da Piedade e em Cacilhas.

Na vila, o castelo, apesar de manter a sua importância em termos militares, é abandonado como espaço de habitação e remetido para uma posição secundária. Toda a dinâmica económica e social se concentra agora na Praça Nova e na Rua Direita, que desemboca na principal estrada do concelho, a caminho da Trafaria.

O terramoto de 1755 dita o desaparecimento da malha urbana medieval, apagada pela reconstrução que se seguiu. Algumas das ruas mantêm o seu traçado, mas os caminhos e azeitugos que as atravessam, ligando os vários espaços, são incorporados em novas propriedades, que absorvem áreas outrora públicas. Algumas habitações nunca são reconstruídas e transformam-se em quintais, enquanto outras são integradas em novas casas de maiores dimensões.

As portas e arcos, hoje entaipados e incorporados em paredes interiores das habitações de Almada Velha, são os traços desse urbanismo antigo, testemunhos de antigas ruas, transformadas ou desaparecidas ao longo dos séculos de história da evolução da cidade.



SÉCULOS XVII-XVIII

O SÍTIO

O sítio arqueológico onde hoje se situa o Museu de Almada – Covas de Pão foi descoberto em 1992, quando se procedia ao acompanhamento de uma obra que decorria no local. As escavações, realizadas entre 1992 e 1996, permitiram identificar estruturas arqueológicas que mostram três fases de ocupação deste espaço.

Numa primeira fase, anterior ao século XIII, o espaço destinava-se ao armazenamento de cereais, estando representada por um conjunto de 13 covas de pão, possivelmente construídas ainda no século XII.

Já durante os séculos XIV–XV o local passou por transformações profundas, resultantes do crescimento urbano. Uma parte das covas de pão perdeu a sua função, sendo entulhadas ou utilizadas como local de escoamento de resíduos. Ergueu-se então um conjunto de estruturas habitacionais, das quais se preservam alguns muros, as soleiras das portas e canalizações para escoamento de águas pluviais. Identificou-se ainda um arruamento, com orientação transversal às ruas da Judiaria e Henriques Nogueira, e 5 covas de pão, contemporâneas das estruturas habitacionais.

A utilização da área como quintal começou no século XVI e perdeu até ao século XX, sendo possível distinguir vários níveis de aterro, nomeadamente aqueles relacionados com o terramoto de 1755.

RUA DA JUDIARIA



RUA HENRIQUES NOGUEIRA


ANTERIOR AO SÉCULO XIII

 Covas de pão

SÉCULOS XIV-XV

 Estruturas habitacionais

 Covas de pão

 Valas de escoamento

HORÁRIO

terça a sábado

10h00-13h00; 14h00-18h00

CONTACTOS

R. Henriques Nogueira 36

2800-125 Almada

(+351) 212724270

museus.comunica@cm-almada.pt



**MUSEU
DE ALMADA**



cm-almada.pt